

Reconquista n.º 2, volume I, 1950

PUCSP

6. mai. 1950

14 603

# Comentários

Reconquista I

## VALORES ETERNOS

Dizer-se tradicionalista nos dias que correm não é para os cortejadores da aura popular, para os espíritos impressionáveis que reduzem o futuro do mundo às vinte e quatro horas do dia seguinte.

Estes não de preferir outro vocabulário político. Serão os homens da "democracia", do "socialismo", do "progressismo" (1). Depois das últimas eleições inglesas talvez tenham deixado de ser os homens do "trabalhismo", se é que perceberam o verdadeiro alcance daquêle pleito.

Tradicionalismo, para eles, é igual a passadismo. E' puro conservadorismo. E' utopia. Para não falar já dos que grosseiramente o confundem com os nacionalismos totalitários.

Procuram as vantagens do momento. Fazem a política do êxito imediato. Acomodam os ideais às circunstâncias, sacrificando muitas vèzes a pureza daqueles às exigências inexoráveis destas.

Tudo isto podia dar muito certo — no ponto de vista em que se colocam — numa época pacatamente burguesa, como a Europa de antes de 14 ou o Brasil de antes de 30.

Mas hoje tal imediatismo ilusório nem sequer permite colher, por algum tempo que seja, os frutos desejados. Os acontecimentos se precipitam, a guerra atômica tolda os horizontes com a sua terrível ameaça e o realismo soviético zomba dos seus cãndidos adversários.

Em meio a essa pavorosa confusão mental, dizer-se tradicionalista é necessariamente afrontar os ídolos do tempo. Mas é

(1) O verdadeiro progresso se fundamenta na tradição, pois é fruto dos esforços das gerações que nos precederam. Quanto à democracia, deixou de ser a efetiva participação do povo no governo para se transformar no absolutismo de uma fictícia "vontade popular". E' nas lições do tradicionalismo político que se encontram os rumos de uma autêntica democracia.



também considerar os factos *sub specie aeternitatis*. E' fazer a política da verdade histórica. E' ser intransigente na defesa de um ideal, aguardando a hora em que a Providência permita a sua plena realização, sem concessões nem meias tintas.

Não se trata propriamente de conservar. Há tanta coisa errada que precisa desaparecer! Não se trata de voltar atrás, pois a história não é uma fita de cinema que se possa fazer correr em sentido contrário. Contemplar beatificamente o passado seria recusar-se a qualquer ação sobre o presente e o futuro. Trata-se, como escreve Gustave Thibon, de "um retôrno não ao passado como tal, mas aos valores eternos que floresceram nas melhores épocas do passado."

Esses valores eternos são elementos permanentes na organização dos povos. Repudiá-los é ferir a ordem social e humana nos seus princípios fundamentais, é por isso mesmo abrir a porta às crises insolúveis. Há uma política natural fóra da cujos preceitos as sociedades se desencaminham e caem na anarquia. As prerrogativas inalienáveis da creatura humana, o carater sagrado da família, a autonomia dos grupos sociais em face do Estado, tudo isso são princípios que floresceram em determinadas épocas com maior viço, e que hoje se acham comprometidos ou mesmo suprimidos por completo.

Restaurar as condições que possibilitem a sua nova florescência não é retroceder no curso da história. E' receber da História as lições de "política experimental" que ela sabiamente nos oferece.

Pretender construir o mundo novo de amanhã sem esse lastro de experiência é o mesmo que edificar sobre areia ou divagar através das nebulosidades da "política abstracta" (1).

E qual a primeira restauração a promover?

A restauração espiritual. A volta à verdade católica. O restabelecimento do primado da ordem sobrenatural.

O homem não vive só no estado de natureza. Elevado ao plano sobrenatural, aí encontra a perfeição do seu ser. Cindir a ordem natural e a sobrenatural é mutilar o homem. E organizar as so-

(1) La Tour du Pin dizia que, com a Revolução Francesa, termina a fase do direito histórico e se inicia a do direito abstracto. Digamos o mesmo da política.

iedades como se o homem se movesse somente no plano da natureza é deixá-las na perpétua desorganização a que as atirou o Estado leigo.

Atendam os povos e não só os indivíduos ao apêlo do Sumo Pontífice para o grande Retôrno, feito ao ser promulgado o presente Ano Santo.

Só o retôrno aos valores eternos, aos valores da Tradição — que constituem, como diz Francisco Elías de Tejada, em artigo inserido neste número, a "medula dos povos" — só esse retôrno poderá salvar a humanidade.

Retôrno que será Reconquista: a reconquista de valores florescentes outróra e perdidos nos descaminhos por onde vagueiam sem norte os povos modernos.

J. P. GALVÃO DE SOUSA  
(São Paulo)

## DA RUSSIA E DA CHINA

Rádio Moscovo cada dia nos mostra mais o grau de periculosidade da política internacionalizante do comunismo na negação cada vez maior do homem. Em cada dia Rádio Moscovo revela o avesso dessa política, e é pena que os governos ocidentais não procurem aproveitar-se destas emissões para indicar aos povos a pérfida desonestidade dos métodos russos.

Ainda em princípios dêste ano, Rádio Moscovo se denunciava perante o mundo, na sua emissão em português lida para Portugal e Brasil, ao falar por estas palavras: "é preciso acabar com os nacionalismos. No mundo futuro só a Rússia é que deve mandar". Quer dizer: os mesmos homens que na véspera se fingiam de nacionalistas, e populares, aqui estão a despírem-se descomedidos no seu *russo-internacionalismo*, mas em internacionalismo ferozmente desmentido para todo e qualquer sistema de aliança de povos. E' porque esta aliança para ser verdadeira só pode ser espiritual e, portanto, pregada na Lei do Amor. Sendo RECONQUISTA pelo universalismo de almas na base dêsse amor, é evidente ter que condenar antes de mais a esse internacionalismo como método de governar os povos.

E' curioso salientar ainda que Rádio Moscovo nunca tem pejo de mentir: assim, naquele mesmo dia declarava ser a Rússia o único país que aumentou o salário dos funcionários dando-lhes 25% sobre os vencimentos de antes da guerra. Mas encobre a desvalorização do rubro e mais esconde que, em Portugal, para onde fala, não se

